

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CASA
23 de Maio de 2026

A VOSSA CASA / 2012

Um filme de João Mário Grilo

Realização e Argumento: João Mário Grilo / Direcção de Fotografia: João Guerra e Rui Poças / Som: Frederico Pereira / Montagem: Luca Alverdi / Narração: João Mário Grilo.

Produção: Cinemate – Costa do Castelo / Produtores: Paulo Trancoso e Ana Costa / Cópia vídeo beta digital, colorida, falada em português com legendas em inglês / Duração: 56 minutos / Inédito comercialmente em sala.

A Vossa Casa é apresentado com **Esta é a Minha Casa**, de João Pedro Rodrigues (“folha” distribuída em separado).

Se até aos anos 2000 João Mário Grilo trabalhou essencialmente na ficção, desde então o documentário foi tomando um peso cada vez maior na sua obra. São filmes, por norma, centrados em temas (ou figuras) das artes e da cultura, tomados também pela possibilidade que oferecem de filmar campos de actividade específicos, como a pintura, a escultura, a literatura, etc. Ou a arquitectura, matéria de **A Vossa Casa** (a partir de Raul Lino) e, mais tarde, embora noutra especialidade (a arquitectura paisagística), de **A Vossa Terra** (a partir de Gonçalo Ribeiro Telles), que em 2016 veio formar uma espécie de díptico (os títulos assim o sugerem, pelo menos) com o filme que vamos ver nesta sessão.

Em abono da ideia do díptico, mais oficial ou mais officiosamente, deve registar-se que são dois filmes em que Grilo inscreve umas quantas linhas pessoais, autobiográficas. Em **A Vossa Casa** isso surge a partir da infância do cineasta na Figueira da Foz, e da coincidência de essa infância se ter cruzado com o trabalho de Raul Lino – tem-se mesmo direito a algumas fotos de um muito jovem João Mário, fotografado na escola primária desenhada por Lino que frequentou, enquanto a narração “off” assume, com algum humor, um “confessionalismo” que desaparecerá do filme logo a seguir.

Porque obviamente a partir daí não há mais distrações. **A Vossa Casa** é um filme sobre a obra e o pensamento de Raul Lino (que através dos muitos artigos ou livros que escreveu se faz ossatura do comentário lido em “off” pelo próprio realizador), mas também é uma reflexão, prática, digamos assim, sobre as formas de filmar a arquitectura, sobre as formas de filmar as formas da arquitectura. Grilo anunciou-o, na apresentação do projecto, desta maneira: “[trata-se de] se oferecer ao espectador como um equivalente formal e filmico da própria arquitectura; para a dar a ver como um ‘sítio’ dramático, móvel e temporal e, por essas razões, também ele ecrânico e

cinematográfico”. As possibilidades de “double bill” neste dia de ciclo A Casa multiplicam-se também: se **A Vossa Casa** está programado numa sessão em conjunto com **Esta é a Minha Casa** de João Pedro Rodrigues, há outro “double bill”, um “double bill” não enunciado, com a sessão das 19.30 em que mostramos **Loos Ornamental**, de Heinz Emigholz.

Assim apresentado o âmbito do filme, deixamos, muito brevemente, duas notas que se relacionam, por certo, com o pensamento de Lino tal como o filme o expõe, mas ainda mais com a “forma de filmar as formas” que João Mário Grilo encontra. Uma ideia forte do filme, ou uma ideia que o filme fortemente trabalha, é a condição material, concreta e específica, de cada projecto de arquitectura. A abstracção conceptual, o edifício que é um edifício só e sem mundo em redor, acaba no estirador. As palavras de Lino, em certas passagens, falam da necessidade de pensar cada projecto numa adequação ao espaço em volta, seja ele o espaço natural ou o espaço urbano de uma cidade, o que é uma ideia simples e, de certo modo, auto-evidente, mas há um trabalho no filme que a leva um pouco mais longe, para tornar evidente o que se calhar já não o seria tão automaticamente: que essa harmonização, essa relação, essa ligação com uma espécie de “fora de campo” da arquitectura é a arquitectura ela própria, que um edifício não se encontra nas suas linhas tomadas isoladamente, mas na maneira como as suas linhas se relacionam com as linhas dos ciprestes ou dos pinheiros que povoam o espaço em volta. E que essa relação é também, e se calhar essencialmente, *o edifício*, quer dizer, a arquitectura. Naqueles planos em que Grilo filma o avanço descontrolado da natureza, mas também da acção humana, sobre certos espaços arquitectónicos, sugere-se uma ideia que o senso comum não costuma associar muito à arquitectura, frequentemente vista como uma arte da fixidez e da imutabilidade: aqui, pelo contrário, a sugestão de um dinamismo, e até de uma condenação inescapável ao dinamismo e à mudança constante, como condição essencial da arquitectura, é dada de maneira fortíssima.

E depois, a questão dos interiores, que leva à questão, que Lino também pensou muito, da habitabilidade das casas – “as casas constroem-se de dentro para fora”, ouve-se numa passagem do texto, maneira de implicitamente centrar a arquitectura no elemento humano, nos indivíduos que vão, de facto, viver nas casas ou trabalhar nas casas. Os planos de interiores filmados por Grilo estão cheios de marcas dessa habitabilidade, quer dizer, da presença humana. Por esse lado, o filme reencontra aquela abertura semi-ironicamente autobiográfica, ao filmar cada casa como um espaço inicialmente em branco onde o tempo e uso vêm, depois, inscrever uma biografia.

Luís Miguel Oliveira